REVISTA TEOLÓGICA DOXIA

FBC

ISSN 2526-2300
QUALIS A4

JOSÉ DE ANCHIETA: AMBIGUIDADES ENTRE EVANGELIZAÇÃO E DOMÍNIO NO BRASIL COLONIAL

José de Anchieta:
ambiguities between evangelization and domination in colonial Brazil

José de Anchieta:
ambigüedades entre evangelización y dominio en el Brasil colonial

José Kassoma Catumbela[1]
Ygor Lebrank de Melo[2]
Eduardo Rueda Neto[3]

RESUMO

Este artigo analisa a atuação missionária do padre José de Anchieta (1534-1597) no Brasil colonial, destacando seu papel na catequese transcultural e na construção da identidade linguística e cultural do país. A partir de revisão bibliográfica crítica, examinam-se as estratégias plurais empregadas por Anchieta — como o ensino, a produção literária, o teatro e as práticas de cuidado com a saúde — na evangelização dos povos indígenas. Contextualiza-se, ainda, a missão da Companhia de Jesus no projeto colonial português, evidenciando como os objetivos religiosos estavam intrinsecamente ligados às metas políticas e de dominação cultural. A pesquisa aponta, por fim, para as ambiguidades da atuação de Anchieta, que conciliava adaptação à cultura nativa e imposição dos valores europeus e cristãos.

Palavras-chave: José de Anchieta; Brasil colonial; evangelização; jesuítas; catequese.

ABSTRACT

This article examines the missionary work of Father José de Anchieta (1534-1597) in colonial Brazil, emphasizing his role in cross-cultural catechesis and in shaping the country's linguistic and cultural identity. Based on a critical literature review, the study analyzes the diverse strategies employed by Anchieta — including education, literary production, theater, and health care — to evangelize Indigenous peoples. It also contextualizes the Jesuit mission within the Portuguese colonial project, highlighting the interplay between religious aims and political-cultural domination. Finally, the article underscores the ambiguities of Anchieta's actions,

[1] Graduando em Teologia pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo (UNASP). E-mail: jcatumbela2017@gmail.com

[2] Mestrando em Teologia e pós-graduado em História e Arqueologia do Antigo Oriente Próximo e Mediterrâneo pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo (UNASP).
E-mail: ygorlebrank@gmail.com

[3] Doutor com pós-doutorado em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e professor no Programa de Pós-Graduação em Teologia do Centro Universitário Adventista de São Paulo (UNASP). Contato: eduardo.rueda.neto@gmail.com

which combined adaptation to native culture with the imposition of European and Christian values.

Keywords: José de Anchieta; colonial Brazil; evangelization; Jesuits; catechesis.

RESUMEN

Este artículo analiza la labor misionera del padre José de Anchieta (1534-1597) en el Brasil colonial, destacando su papel en la catequesis transcultural y en la construcción de la identidad lingüística y cultural del país. A través de una revisión crítica de la literatura, se examinan las estrategias diversas empleadas por Anchieta, como la enseñanza, la producción literaria, el teatro y las prácticas de atención sanitaria, en la evangelización de los pueblos indígenas. Además, se contextualiza la misión de la Compañía de Jesús en el proyecto colonial portugués, evidenciando cómo los objetivos religiosos estaban íntimamente ligados a las metas políticas y de dominación cultural. La investigación señala, finalmente, las ambigüedades de la labor de Anchieta, quien buscaba conciliar la adaptación a la cultura nativa con la imposición de los valores europeos y cristianos.

Palabras clave: José de Anchieta; Brasil colonial; evangelización; jesuitas; catequesis.

INTRODUÇÃO

O presente estudo propõe uma revisão bibliográfica introdutória sobre a disposição missionária do padre José de Anchieta (1534-1597) na catequese realizada no Brasil, destacando seu esforço pela conversão dos povos nativos no contexto da evangelização transcultural.[4] Além disso, examina-se parte de sua contribuição para a expansão da língua portuguesa no território brasileiro, reconhecendo-o como um dos precursores da literatura nacional.

Nascido nas Ilhas Canárias, Anchieta mudou-se ainda jovem para Portugal, aos doze anos de idade (Silva, 2024, p. 11). Na infância, recebeu dos pais uma educação profundamente cristã e foi instruído nas primeiras letras. Em Coimbra, prosseguiu os estudos no Colégio das Artes. Nessa cidade universitária, o jovem teve contato direto com a dinâmica de uma metrópole europeia, marcada por beleza e desafios, oportunidades e riscos. Nesse ambiente, decide consagrar-se inteiramente à Virgem Maria. Na igreja dos jesuítas, servia como coroinha em todas as missas que podia, chegando a participar de até oito celebrações por dia. É nesse contexto que Anchieta entra em contato com uma nova ordem religiosa: a Companhia de Jesus.

A fama da Companhia se espalhava por toda a Europa, impulsionada pelo testemunho de seus primeiros missionários, que partiam com as sementes do evangelho para semeá-las nos "novos mundos" (Maia, 2004). Anchieta não tarda a assumir o compromisso com a vida missionária. Aos 17 anos, abraça com

[4] Este artigo é resultado das pesquisas realizadas na disciplina Desenvolvimento das Missões, oferecida pela Faculdade de Teologia do Centro Universitário Adventista de São Paulo (UNASP), na qual os alunos são incentivados a estudar a vida, a obra e o legado de missionários pertencentes a diferentes tradições cristãs.

entusiasmo o carisma da nova ordem, tornando-se jesuíta e dedicando sua vida à missão entre os povos indígenas brasileiros.

De modo geral, historiadores brasileiros — conforme aponta Fleck (2011, p. 155) — apresentam José de Anchieta como "guardião da moral e exemplo de santidade", em parte para justificar seu processo de canonização. Todavia, é importante reconhecer que a historiografia contemporânea também se empenha em reconstruir criticamente sua memória e atuação missionária. Essa reconstrução envolve não apenas sua imigração para o Brasil, mas também o ensino, a produção literária e o uso da medicina em favor da missão. Esses elementos, em conjunto, revelam um esforço multifacetado para consolidar a obra evangelizadora, especialmente na capitania de São Vicente.

Nas seções a seguir, esta breve pesquisa procura oferecer um panorama introdutório do Brasil colonial, da atuação da Companhia de Jesus e da relação de Anchieta com essa ordem religiosa. A análise se concentra nas dinâmicas de sua missão, com especial atenção para a educação, a literatura e os cuidados com a saúde como estratégias de catequese dos povos originários.

1. COLONIALISMO E O NOVO MUNDO

Para compreender o fenômeno da colonização portuguesa no Brasil, é necessário considerar o contexto histórico em que se encontrava a fé cristã em Portugal. Sendo o século XIV um período de transição das estruturas medievais para novas configurações modernas, o pensamento português também migrava do medievalismo para o humanismo. Devido à crise decorrente da diáspora judaica nos países ibéricos, somada à fragmentação do catolicismo provocada pela Reforma Protestante, instaurou-se um ambiente de transformações, respostas e novas possibilidades tanto para o império português quanto para o cristianismo. A solução político-religiosa encontraria respaldo na prática do colonialismo, como sugere Navarro (2024, p. 24): "Com a descoberta da América, um vasto campo oferecia-se ao trabalho de expansão da religião. Toda a empresa colonizadora seria justificada como um instrumento de cristianização dos povos dos novos continentes."

Um dos grandes nomes que descreveram o processo de descobrimento e colonização do Brasil foi Sérgio Buarque de Holanda (1902-1982), que analisou especificamente esse processo em sua tese, posteriormente publicada como obra, *Visão do Paraíso*. A investigação de Holanda busca identificar, nos mitos edênicos, os fundamentos da construção da identidade brasileira. Em sua perspectiva, tal identidade emergiria da visão do colonizador — de caráter religioso e mítico — em relação às terras "paradisíacas" do Brasil. Holanda (2000, p. X) explica:

> […] para os teólogos da Idade Média não representava o Paraíso Terreal apenas um mundo intangível, incorpóreo, perdido no começo dos tempos, nem simplesmente alguma fantasia vagamente piedosa, e sim uma realidade ainda presente em sítio recôndito, mas porventura acessível. Debuxado por numerosos cartógrafos, afincadamente buscado pelos viajantes e peregrinos, pareceu descortinar-se, enfim, aos primeiros contatos dos brancos com o novo continente.

À medida que o Brasil colonial tornava-se uma extensão da metrópole lusitana no Novo Mundo, consolidava-se também o imaginário idílico dos

portugueses, atribuindo ao território brasileiro a missão de conversão e salvação espiritual.[5]

Embora se reconheça que, diferentemente dos puritanos, os jesuítas tenham adotado métodos menos agressivos durante a colonização — promovendo uma subjugação cultural em vez de bélica, como pondera Silva (2024, p. 23) —, Schwarcz e Starling (2018, p. 42) destacam que os "soldados de Cristo", liderados por Manoel da Nóbrega, enfrentavam o desafio de lidar com indígenas retratados como "perigosos e devoradores de homens". Essa concepção dos povos originários como envoltos em "demonização e paganismo" exigia dos missionários um empenho total para colonizar todos os aspectos da cultura e dos costumes indígenas (Bortolanza, 2013).

À luz disso, Schwarcz e Starling (2018, p. 42) afirmam que "[…] catequese e civilização eram os princípios centrais de todo o projeto de colonização". Nesse mesmo contexto, Silva (2014, p. 25) argumenta que a atuação jesuítica foi abrangente, tensionando os modos culturais e a religiosidade dos povos indígenas, fortalecendo o catolicismo, fomentando o mercantilismo e consolidando o poder das aristocracias portuguesas no Brasil.

2. COMPANHIA DE JESUS

No âmbito religioso, a Companhia de Jesus foi uma das mais influentes ordens da Igreja Católica durante a Era Moderna, destacando-se por sua atuação missionária e educacional em diversos territórios ao redor do mundo. Fundada em 1534 por Inácio de Loyola e seus companheiros, em Paris, a ordem surgiu no contexto do Concílio de Trento (1545-1563), período marcado por tensões e resoluções religiosas, bem como pela necessidade de reafirmação do catolicismo por meio do movimento contrarreformista (Silva, 2024, p. 31; Schwarcz; Starling, 2018).

No caso do Brasil, a chegada dos jesuítas em 1549, liderados por Manuel da Nóbrega, marcou um período de intensa atividade evangelizadora entre os povos indígenas. Os missionários desenvolveram métodos de catequese que incluíam a imersão na cultura local e a adaptação de elementos cristãos à cosmovisão nativa, buscando facilitar a conversão. Um exemplo notável é que, somente a partir da chegada dos jesuítas, desenvolveu-se o estudo sistemático da língua tupi, de tal modo que essa língua era primeiramente assimilada no processo catequético, sendo o português ensinado posteriormente aos indígenas (Navarro, 2014, p. 24-26).

A Companhia de Jesus foi responsável por inaugurar colégios e escolas catequéticas, onde se ensinavam as línguas, a escrita e a literatura (Dos Santos, 2020, p. 66)[6]. O objetivo final era a formação e capacitação de missionários. Para

[5] Kaltner e Santos (2024, p. 15-16) descrevem que as missões jesuíticas também tinham como motivação conter o avanço hispânico sobre o território português, especialmente na região de São Vicente: "O grupo de jesuítas que atuava na capitania de São Vicente era muito mais numeroso do que em outras regiões da América portuguesa quinhentista, o que denota a sua posição estratégica no ano de 1554." Além disso, Abdala *et al.* (2022, p. 4) criticam a mentalidade eurocêntrica dos portugueses, que cometeram equívocos ao definirem de modo generalizante a práxis e a ontologia dos nativos, "[…] ignorando o modo próprio de organização dos nativos da terra."

[6] A autora disserta que "[…] nas escolas eram ensinados os *elementa*, o latim, tupi e português. E nos colégios eram ensinados os *elementa*, *divinae litterae* e *humanae litterae*" (Dos Santos, 2020, p.

tanto, a missão era sustentada pelo compromisso dos mestres e jesuítas em redigir cartas lúcidas e precisas, direcionadas a Roma e a Portugal, com o intuito de angariar fundos para a causa missionária, além de fortalecer a fé dos padres da terra *mater* e dos fiéis católicos (Santos, 2021, p. 26-32).

De acordo com Costa e Menezes (2005, p. 33), a missão e a educação foram as atividades que diferenciaram a Companhia das demais ordens:

> De início, é preciso considerar que as duas grandes atividades às quais os jesuítas deveram sua fama, a missão e a educação, não constavam dos primeiros objetivos da Companhia. A Ordem religiosa que nasceu sob o signo da Reforma Católica tornou-se missionária e educadora em resposta a desafios que lhe foram impostos pelos mandatários de estados católicos.

A atuação da Companhia de Jesus no Brasil colonial foi marcada por desafios significativos no processo de evangelização dos povos indígenas. Nos primeiros meses, os jesuítas adotaram uma abordagem baseada na convivência e na tentativa de conversão pacífica. Contudo, ao perceberem a resistência dos nativos à adesão ao cristianismo, as estratégias evangelizadoras passaram por alterações.

A historiografia aponta que a catequização envolveu, em muitos casos, um processo de inculturação forçada[7], no qual práticas tradicionais indígenas — como a poligamia, o canibalismo e a nudez — foram condenadas e progressivamente substituídas por valores cristãos. Esse processo gerou tensões culturais e sociais, modificando profundamente a estrutura das sociedades originárias. Todavia, o conflito estendeu-se também à relação entre colonos e jesuítas: enquanto os primeiros defendiam a prática das chamadas "guerras justas" para justificar a escravização indígena, os jesuítas preocupavam-se com o resguardo das almas e sua conversão. O desdobramento desse embate resultou na concessão da Carta Régia de 1570, que proibiu a escravização dos indígenas (Schwarcz; Starling, 2018, p. 42).

3. PADRE JOSÉ DE ANCHIETA

Neste ínterim, o padre José de Anchieta tornou-se uma das figuras mais emblemáticas da Companhia de Jesus, contribuindo significativamente para o processo informativo sobre a vida dos colonos, indígenas e jesuítas (Freyre, 2013, p. 101), bem como para o desenvolvimento da gramática tupi[8]. A gramática,

66). As escolas localizavam-se em Porto Seguro, Ilhéus, São Vicente e São Paulo de Piratininga. Vale ressaltar que, para Kaltner e Santos (2024, p. 20), o Colégio de Artes de São Paulo, construído à moda das habitações indígenas em 1554, representa o ápice da missão jesuítica, da qual Anchieta participava.

[7] Sobre a aculturação progressiva da linguagem dos indígenas, Silva (2024, p. 26) observa: "O estudo das letras foi cabal para a ocupação colonizadora encabeçada pelos jesuítas, já que implicava na mudança dos modos de comunicação, impactante na colonização do cotidiano, além de uma tentativa de espelhamento da metrópole na colônia."

[8] Em 1595, foi publicada a *Arte de Gramática da Língua mais Usada na Costa do Brasil*, obra póstuma de Anchieta, iniciada desde sua chegada ao Brasil e marcada por traços regionalistas e variações linguísticas (Viera; Rothstein Biron, 2025, p. 196). Navarro (2014) observa que, apesar de sua capacidade, Anchieta enfrentou dificuldades na elaboração da gramática, uma vez que a língua tupi pertencia à tradição oral.

esboçada nos anos iniciais em solo brasileiro, era objetiva e simples, escrita de missionário para missionário, com a finalidade de levar o evangelho aos povos originários (Navarro, 2014).

Tendo estudado nos colégios dos dominicanos, Anchieta aprendeu o latim com desenvoltura — formação útil para seu ministério. Em 1551, ingressou na Companhia de Jesus, onde fez os votos de obediência, pobreza e castidade. Além disso, praticou os exercícios espirituais, experiência realizada em silêncio interior e exterior, com vistas à autocompreensão e à descoberta da presença de Deus na própria vida.

Logo após seu ingresso na Companhia, Anchieta foi acometido por uma doença. Caso essa enfermidade persistisse, suas esperanças de permanecer na ordem seriam frustradas. No entanto, os votos assumidos lhe garantiram a permanência entre os filhos de Santo Inácio. Os médicos da época acreditavam que os ares do Novo Mundo seriam benéficos para sua recuperação e recomendaram sua transferência para o outro lado do Oceano Atlântico. Assim, seus superiores o enviaram para exercer uma missão nas terras sob domínio português na América (Maia, 2004).

Ao desembarcar no Novo Mundo, na véspera do Natal de 1553, Anchieta[9], então com dezenove anos, chegou com o objetivo de catequizar os povos nativos. Em 25 de janeiro de 1554, celebrou uma missa em homenagem a São Paulo no campo de Piratininga, marcando a fundação da cidade de São Paulo (Navarro, 2014, p. 26).

Ao longo de seu ministério, Anchieta desempenhou para os nativos os papéis de médico, sacerdote e educador — cuidando do corpo, da alma e da mente. Na catequese, utilizava o teatro e a poesia, tornando o aprendizado um processo prazeroso. Interpretar e traduzir o tupi foram tarefas atribuídas a ele por Manoel da Nóbrega. Em poucos meses no Brasil, Anchieta já compreendia e falava a língua dos nativos[10]. Ao longo da vida, produziu autos, cartas e poesias de natureza espiritual. Foi gramático, poeta, teatrólogo e historiador. Sua obra foi composta em quatro idiomas: português, castelhano, latim e tupi.

Em sua prática apostólica, Anchieta percebeu o interesse dos nativos pelo lúdico e utilizou suas habilidades poéticas para produzir uma escrita que os surpreendia, cumprindo o que Silva (2024) chama de "colonização do cotidiano", ao integrar elementos da cultura indígena e da tradição cristã. Seu teatro incluía aspectos da vida dos nativos, o que favoreceu a adesão de dezenove indígenas às propostas da Companhia de Jesus. O biógrafo padre Maia (2004, p. 23-23) observa que Anchieta optou por evangelizar seus alunos por meio do coração:

[9] O presente estudo não tem a pretensão de esgotar as biografias de Anchieta, mas reconhece a relevância da pesquisa de Eliane Fleck (2011), *José de Anchieta: Um Missionário entre a História e a Glória dos Altares*, na qual a autora propõe uma revisão historiográfica da figura de Anchieta a partir de seus biógrafos, desde Quirício Caxa (1597) até Luciano Ramos (2003), com a obra *José de Anchieta: Poeta e Apóstolo*. Vale ressaltar, ainda, que o primeiro relato biográfico sobre Anchieta, elaborado pelo jesuíta Quirício Caxa em 1597 e intitulado *Breve Relação da Vida e Morte do Padre José de Anchieta*, baseia-se principalmente em depoimentos de contemporâneos do missionário, especialmente de padres e irmãos da Companhia de Jesus.

[10] Dentro de seis meses, de acordo com Vieira e Rothstein Biron (2025).

> O processo mais prático, mais pedagógico, mais intuitivo não era fazer o índio compreender a religião: era, primeiro, fazer o índio gostar da religião. Foi com essa orientação que Anchieta se tornou dramaturgo, encontrando no teatro a forma adequada para a transmissão do cristianismo ao índio. Os atores eram os índios-alunos do Colégio de São Paulo, dirigidos pelo próprio Anchieta.

Ainda em suas atividades missionárias, fundou em 1585 a aldeia de Guaraparim, atual Guarapari, no Espírito Santo. Gravemente adoecido, veio a falecer em 9 de junho de 1597, aos 63 anos, em Reritiba, hoje cidade de Anchieta. Cerca de três mil indígenas transportaram seu corpo numa jornada de aproximadamente 80 quilômetros até Vitória, onde foi sepultado (Anchieta, 1977). Sua canonização foi proclamada em 3 de abril de 2014, encerrando um processo que se estendeu por mais de quatro séculos.

4. A MISSÃO DE ANCHIETA: LITERATURA E SAÚDE INTEGRAL

4.1. Por meio da literatura

Desde o início da colonização até meados de 1564, os portugueses conviviam no Brasil com uma diversidade linguística composta pelas línguas nativas de cada tribo e pelas chamadas línguas gerais — idiomas do tronco tupi falados amplamente pela população indígena. Já o português, por ser a língua oficial do Estado lusitano, era restrito a documentos oficiais e utilizado principalmente por aqueles ligados à administração colonial. Dessa forma, os jesuítas desempenhavam um papel fundamental como mediadores linguísticos e culturais entre os colonizadores e os povos originários.[11]

Nesse contexto do uso da língua, Anchieta, assim como os demais jesuítas, endereçava suas cartas tanto à Coroa portuguesa quanto a Inácio de Loyola, geralmente sob supervisão de Manuel da Nóbrega. O padre Inácio foi responsável por classificar as cartas em dois tipos: *bijuela* e *edificante*. A *bijuela* era lida apenas por jesuítas e autoridades administrativas, enquanto a *edificante* era acessível ao público, com o objetivo de fortalecer a fé cristã por meio de testemunhos (Santos, 2021, p. 26-30). Sobre as epístolas de Anchieta, Silva (2024, p. 36) destaca que o missionário:

> […] além de sua produção poética, também teve uma vasta produção de Cartas, pois a escrita é um caminho para a salvação, é uma forma de aproximação do divino. As missivas unem também o corpo clerical, já que elas são trocadas entre os membros da Ordem.

As cartas, longe de serem menos importantes, eram compreendidas como uma extensão do ministério local, valorizando e legitimando o trabalho missionário nas colônias (Santos, 2021, p. 34-36).

[11] Santos (2021, p. 25) observa que a chegada dos missionários marca o início do processo educacional brasileiro, considerando que a sistematização do ensino passou a ser vista como elemento essencial.

Outro método eficaz para o avanço da missão, conforme apontam Vieira e Rothstein Biron (2025, p. 202-203), foi o uso da arte dramática. As pesquisadoras destacam que, com base na cultura artística indígena, o padre Anchieta elaborou encenações e peças teatrais que dialogavam com os costumes locais e, ao mesmo tempo, reformulavam crenças tradicionais, introduzindo uma nova mentalidade. Assim, a poesia tornou-se uma ferramenta funcional para a catequese. Nesse contexto, a gramática escrita por Anchieta tinha como objetivo promover o encontro entre as línguas, já que a chegada dos portugueses à colônia demandava uma comunicação cotidiana entre eles e os povos nativos:

> Os jesuítas, sobretudo os autores das gramáticas, procuraram não só aperfeiçoar a própria aprendizagem, mas também estabilizar essa aprendizagem mediante a reflexão, a análise e a representação explícita das estruturas. […] As gramáticas foram escritas em português. Mesmo quando os exemplos apresentam o tupinambá, o texto da gramática está em português (Noll; Dietrich, 2010, p. 50-51).

Ademais, alicerçado em seu compromisso missionário, o padre Anchieta reconhecia a necessidade de dominar o idioma nativo para, por meio do ensino da leitura e da escrita, realizar a catequese. Em alguns casos, o ensino do português e dos elementos religiosos era imposto, conforme aponta Santos (2021). Em outros, o jesuíta ensinava a filhos de indígenas — em sua maioria órfãos abandonados por pais portugueses e mães indígenas —, conforme analisam Kaltner e Santos (2024, p. 15):

> Logo, o fato de os missionários cuidarem dos órfãos da colônia era uma tarefa que lhes dava acesso a um conhecimento mais próximo das culturas e das línguas indígenas, e que formava vínculos de lealdade ao projeto colonial, pois esses meninos ao se tornarem adultos, muito provavelmente, tiveram nos missionários jesuítas o seu referencial de família e no projeto colonial o seu referencial social e político.

Não distante, Santos (2021, p. 34-35) pondera que o ensino destinado às crianças — exclusivamente aos meninos — baseava-se na cultura europeia, transmitindo os valores e costumes do homem branco, em detrimento das tradições dos povos originários.

As traduções de textos e as obras de José de Anchieta (1534-1597), escritas em tupi e destinadas à catequese, buscavam mesclar termos católicos e tupis. Navarro (2014, p. 24) acrescenta que, já em 1553, havia traduções da literatura sagrada voltadas à orientação dos fiéis em tupi.[12] Segundo Alves Filho (2010, p. 18), "não é difícil imaginar que o Brasil poderia ter se tornado um país genuinamente bilíngue". Há, de fato, uma herança da língua tupi perceptível em nomes de cidades (como Pindamonhangaba), em verbos (como cutucar) e em expressões populares (como estar na pindaíba).

No que diz respeito à colonização portuguesa, observa-se que, conforme o sentido dicionarizado do termo, não há menção às línguas nem aos colonizados, mas apenas à dominação política e econômica de um território. Em seu livro *Colonização Linguística*, Mariani (2004, p. 23) ressalta:

[12] É possível destacar as traduções dos autos para os idiomas nativos, uma vez que esses textos preparavam não apenas os indígenas, mas também os colonos para a integração à cultura religiosa (Viera; Rothstein Biron, 2025, p. 203).

> Colonizar supõe um contato entre diferenças, contato esse que se dá pelo uso da força, não se realizando, portanto, sem tensões e confrontos. Deve-se, então, dizer que tal noção apresenta mais de um sentido, conforme seja usada no discurso do colonizador ou no do colonizado.

Sob essa perspectiva colonizadora, José de Anchieta desempenhou papel relevante na difusão da língua portuguesa, especialmente na tentativa de unificação do país pela língua, ao mesmo tempo que estabelecia e rompia vínculos com a língua tupi. Pode-se dizer que houve uma fusão linguística entre o tupi e o português trazido pelos colonizadores (Anchieta, 1977, p. 44).

4.2. Por meio da saúde integral

Além de orientar nas ciências humanas, o padre Anchieta demonstrava profunda preocupação com a moralidade dos indígenas. Freyre (2003, p. 205) relata que Anchieta foi responsável por substituir cantigas de conteúdo sexual por hinos à Virgem Maria e cantos sagrados, com o objetivo de fortalecer a moral cristã. Não é exagero afirmar, portanto, que "[…] Anchieta dividiu seu tempo de missionário entre a salvação da alma e do corpo das gentes." (Pereira, 2022, p. 61)

Diante das experiências vividas pelo missionário, Vieira e Rothstein Biron (2025, p. 201) enfatizam que Anchieta se dedicou à medicina empírica, "[…] utilizando conhecimentos dos indígenas sobre o uso da flora". Tal domínio é evidenciado em suas correspondências com o padre Inácio, entre 1554 e 1565, nas quais relata epidemias e enfermidades enfrentadas por jesuítas e indígenas. Foi nesse período que Anchieta desenvolveu habilidades de cirurgião, dada a precariedade médica e as baixas condições sanitárias (Pereira, 2022).

O esforço empreendido pelo missionário jesuíta manifestava-se na recuperação física de pessoas acometidas por doenças como lepra, varíola, cólicas, sangramentos, entre outras. Paralelamente, Anchieta não atribuía essas enfermidades à vontade punitiva de Deus, mas as via como oportunidades para pregação e salvação de almas (Pereira, 2022, p. 65). Sua preocupação não se restringia à cura física, mas também à salvação espiritual por meio do batismo. Ele afirma:

> Ao verem o nosso esforço e o nosso cuidado, não podem deixar de admirar e reconhecer o nosso amor para com eles, principalmente, porque vêm que empregamos toda a diligência no tratamento de suas enfermidades, sem nenhuma esperança de lucro. E fazemos isto na intenção de preparar para o recebimento do batismo (Anchieta, 1933, p. 88).

Essa postura evidencia que, para Anchieta, a missão evangelizadora não se limitava à pregação doutrinária, mas envolvia um cuidado integral com o ser humano. Sua ação missionária, portanto, unia o zelo pastoral à assistência física e emocional, revelando uma compreensão holística da fé cristã e da dignidade dos povos originários.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste estudo, delineou-se a complexidade da missão jesuítica no Brasil colonial, refletida de forma exemplar na vida e na atuação de José de Anchieta. Sua trajetória revela uma tensão entre compaixão e coerção, ilustrando

os paradoxos do projeto colonizador. Por um lado, Anchieta promoveu a cura física e espiritual dos indígenas, utilizando conhecimentos locais de medicina e adaptando-se à cultura nativa por meio do teatro e da poesia; por outro, contribuiu para a subjugação cultural ao impor valores cristãos e desestabilizar tradições ancestrais.

Historiadores concordam que a pluralidade linguístico-cultural do período colonial contribuiu para a formação da identidade do português brasileiro, embora esse processo ainda esteja em construção. Nesse contexto, a gramática tupi elaborada por Anchieta, embora constitua um marco linguístico, também funcionou como instrumento de dominação, facilitando a catequese e a incorporação dos povos originários ao sistema colonial.

A análise permite concluir que a literatura, a educação e a promoção da saúde, enquanto pilares da missão jesuítica, não foram neutras. Todas tinham como finalidade última a catequização, a conversão ao catolicismo e a assimilação da cultura portuguesa (Viera; Rothstein Biron, 2025, p. 218-219). Diante disso, este estudo convida a uma reflexão crítica sobre a construção da memória histórica de Anchieta, destacando a importância de revelar as nuances por trás das narrativas exclusivamente heroicas, reconhecendo, com equilíbrio, tanto as contribuições culturais quanto as implicações da empreitada missionária de José de Anchieta.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABDALA, B. T. *et al*. A presença indígena no conteúdo da educação básica: a inclusão e representação político-social nas aulas de história. **Revista Foco**, v. 15, n. 4, 2022.

ANCHIETA, José de. **Cartas, informações, fragmentos históricos e sermões do Padre José de Anchieta**: 1554-1594. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1933.

ANCHIETA, José de. **Teatro de Anchieta**: obras completas. São Paulo: Loyola, 1977.

DOS SANTOS, Melyssa Cardozo Silva. O ensino de gramática no Brasil quinhentista: uma análise de duas fontes de Anchieta. *In*: _____. **Linguagem em diálogo com a sociedade**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2020. p. 61-70.

FLECK, Eliane Cristina D. José de Anchieta: um missionário entre a história e a glória dos altares. **Projeto História**, v. 41, 2011.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala**: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. São Paulo: Global, 2003.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Visão do paraíso**: os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2000.

KALTNER, L. F.; SANTOS, M. C. S. dos. A Carta de Piratininga (1554) e a Gramática de Anchieta: intertextualidades interpretativas. **Revista Prâksis**, v. 2, 2024.

MAIA, Pedro Américo. **José de Anchieta**: o apóstolo do Brasil. Rio de Janeiro: Loyola/Canan, 2004.

MARIANI, Bethânia. **Colonização linguística**: línguas, política e religião no Brasil (séculos XVI a XVIII) e Estados Unidos da América (século XVIII). Campinas: Pontes, 2004.

NAVARRO, Eduardo de Almeida. As primeiras traduções do Brasil: as fontes quinhentistas e seiscentistas para o conhecimento dos índios brasileiros e da língua tupi. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo**, v. 98, p. 23-46, 2014.

NOLL, Volker; DIETRICH, Wolf. **O Português e o tupi no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2010.

PEREIRA, Edson. José de Anchieta e o ofício de assistência à saúde em São Vicente e em Piratininga (1554-1565). **Khronos**, São Paulo, n. 13, p. 61-81, 2022.

SANTOS, Almir Grigorio dos. As cartas de José de Anchieta e a história das ideias linguísticas. **Verbum**, v. 10, n. 3, p. 25-41, 2021.

SCHWARCZ, Lilia Moritz; STARLING, Heloisa Murgel. **Brasil**: uma Biografia. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SILVA, Cristina Mascarenhas da. **Uma hagiografia poética de José de Anchieta: o *Orfeu brasílico*, do Padre Francisco de Almeida**. 2024. 206 f. Tese (Doutorado em Letras) — Universidade Estadual Paulista — UNESP, Assis, 2024.

VIEIRA DA SILVA SANTOS, Vandith; ROTHSTEIN BIRON, Berty Ruth. Anchieta, o Apóstolo do Brasil. **Convergência Lusíada**, v. 36, n. 53, p. 194-221, 2025.